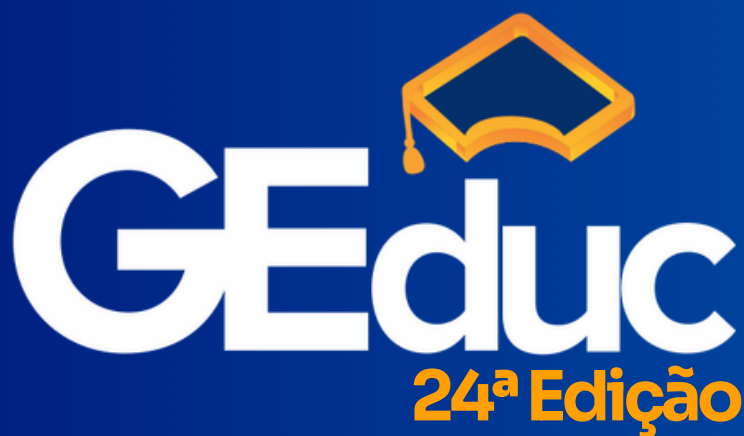


E-BOOK OFICIAL



Arquitetar Futuros:

EDUCAR, LIDERAR E TRANSFORMAR

**REFLEXÕES A PARTIR DOS
DEBATES QUE MARCARAM
O GEDUC 2026**

Realização:



Você está acessando o recorte dedicado à trilha “**Fórum da Educação Especial e Inclusiva**”, parte do e-book do GEduc 2026.

Este material reúne os principais pontos abordados nessa frente da programação, com reflexões, aprendizados e discussões que ajudam a aprofundar o olhar sobre o tema.

Para acompanhar a visão completa da edição, com os conteúdos das demais trilhas, fóruns e momentos que marcaram o congresso, acesse o e-book completo do GEduc 2026.

[CLIQUE AQUI E ACESSE](#)

Realização:



Reconhecido nacionalmente como o principal congresso de gestão educacional do Brasil, desde a sua 1ª edição, em 2003, o GEduc reúne os mais relevantes players da área para três dias de imersão que envolvem conteúdos de alto nível.

Ao longo de sua trajetória, o congresso se consolidou como um espaço de reflexão, atualização e conexão entre lideranças que atuam diretamente na construção dos rumos da educação brasileira. Em sua programação, são abordados temas estratégicos para escolas, instituições de ensino superior, mantenedores e gestores que buscam acompanhar as transformações do setor e tomar decisões cada vez mais alinhadas aos desafios contemporâneos.

Com palestrantes de renome, uma programação conectada às demandas reais e discussões voltadas aos desafios da gestão educacional, o GEduc se consolida como um encontro fundamental para gestores brasileiros que buscam atualização, visão estratégica e caminhos para fortalecer suas instituições.

Concomitante ao congresso, há uma Exposição com a participação de mais de 70 empresas que apresentam as últimas novidades em produtos e serviços educacionais.

Esse ambiente amplia a experiência dos participantes ao aproximar instituições de ensino de soluções, tecnologias e serviços que contribuem para a inovação, a eficiência da gestão e o fortalecimento das práticas educacionais.

O evento é promovido pela HUMUS, empresa que realiza capacitações para gestores de universidades e escolas, além de possuir soluções em consultoria e seleção de profissionais, serviços também exclusivos para o segmento educacional.

Com uma atuação dedicada ao desenvolvimento da gestão educacional, a HUMUS promove iniciativas que aproximam conhecimento, prática e especialistas do setor, contribuindo para a formação de líderes mais preparados para os desafios da educação.

Organizadoras



Beatriz Fernandes

Publicitária, atua na área de comunicação e eventos da Humus Educação, diagramadora deste e-book.



Sonia Simões Colombo

Head de Conteúdo do GEduc. CEO da Humus e Presidente do Instituto ELA Educadoras do Brasil



Thalita Chrispim

Conselheira consultiva da área de Inteligência de Mercado do GEduc. Sócia e Gerente de Operações e Relacionamentos da Humus Educação.

Educadores Autores



Aparecida do Carmo Frigeri Berhior

Consultora associada da HUMUS para Gestão Acadêmica. Doutora e mestre em Letras, com mais de 20 anos de experiência na gestão e docência no ensino superior. Atua na implementação de matrizes de referência de currículos e avaliação por competências; gestão e processos acadêmicos; capacitação de docentes.



Adriano Thomaz

Gerente Executivo na UniSoma, Especialista em advanced analytics e modelagem matemática, lidera equipes multidisciplinares no desenvolvimento de algoritmos e soluções inteligentes para o setor educacional. Matemático de formação, com Doutorado em Engenharia Elétrica pela Unicamp e Pós-doutorado no Canadá, combina rigor técnico com experiência executiva. Atuou em projetos de otimização no planejamento acadêmico integrado, de ofertas e alocação de recursos, de inteligência acadêmica e de gestão institucional. Curador do podcast DeepTalks sobre IA.

Educadores Autores



Carla Peron

Formada em Administração pela Faculdades Associadas de SP, especialização em Marketing pela ESPM e MBA pelo Insper, Carla Peron é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência no segmento educacional, atua em projetos de gestão de marca, comunicação integrada, reposicionamento e presença digital, contribuindo para que escolas fortaleçam sua identidade, comuniquem melhor seus diferenciais e ampliem sua relevância em um mercado cada vez mais competitivo.

Daniel Jaca

Formado em esporte, percebeu rapidamente que a atividade física era um caminho para o desenvolvimento socioemocional. Incomodado com o mundo, foi lá e tentou ajudar a melhorá-lo.

Denise Sawaia Tofik

Profissional com mais de 40 anos de experiência no ensino superior, com atuação em gestão acadêmica, docência e consultoria educacional. Especialista em regulação, qualidade e desenvolvimento institucional, com trajetória em posições de liderança e forte contribuição para a excelência e inovação na educação superior.

Fernanda Loyola

Mãe da Maria e da Leticia, e ama falar sobre relações humanas e os processos da maternagem na sociedade contemporânea. Olhar atento para o cuidado socioemocional dentro e fora da Electi.

Flávia Fernanda Costa

Doutora e mestre em Educação, com formação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pela UFRGS, possui MBA em Gestão Educacional pela PUCRS e graduação em Pedagogia. Atua como Coordenadora Administrativa e Pedagógica do Ensino Médio no Colégio Israelita Brasileiro e é voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil. Ao longo de sua trajetória, foi Pró-Reitora de Graduação da UCS, onde criou o Centro de Inovação e Tecnologias Educacionais (CINTED), além de atuar em gestão acadêmica, docência no Ensino Superior e supervisão na Educação Básica. Foi avaliadora do MEC e possui certificação internacional Finlandesa - Innopeda Trainer, com atuação em iniciativas de inovação educacional e liderança feminina.

Educadores Autores



Hélder Pereira

Educador e especialista em inovação na aprendizagem, com mais de 20 anos de experiência no desenho e implementação de projetos educacionais. Sua atuação concentra-se em transformar o uso da tecnologia em experiências de aprendizagem com propósito e impacto real.



Imaculada Conceição Braga Campos

Mora em Belo Horizonte, Professora, Psicóloga, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, Especialista em Saúde Mental nas práticas Contemporâneas, Mestranda em Neuropsicologia. Possui sólida experiência na área da Educação e na Saúde Mental Clínica e Institucional. Atualmente trabalha com a Meta-Morfose Saúde Mental Preventiva para escolas e empresas, além de formação de equipes pedagógicas. Voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil e na SWE (Society Women's Engineer's do Brasil).



Luciane Pereira

Enfermeira, mestre e doutora em Gestão e Saúde pela USP, com mais de 30 anos de atuação na Educação Superior. Iniciou sua trajetória como docente na USP e, desde então, ocupou posições estratégicas como coordenadora, diretora de pós-graduação, pró-reitora acadêmica, vice-reitora e reitora em grandes universidades. Com especializações em Gestão Hospitalar pela FGV e em Neurociência e Psicologia Positiva pela PUC, tem como foco a liderança de projetos acadêmicos inovadores, o desenvolvimento de equipes de alta performance voltadas à aprendizagem significativa, à sustentabilidade e à entrega de resultados. Atualmente, coordena projetos no processo de implantação da Faculdade BP.



Mirella Scorza

Formada em Comunicação pela FAAP, com pós-graduação em Marketing pela ESPM, MBA em Administração pela FIA/USP e extensões em Comunicação Corporativa pela FGV e Marketing Digital pelo Insper, Mirella Scorza é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência, atua com foco em marketing estratégico, comunicação integrada, experiência do cliente, relacionamento e valorização de equipes, apoiando instituições de ensino na construção de posicionamentos mais claros, consistentes e sustentáveis.



Rui Fava

Com trajetória consolidada na gestão educacional, acadêmica e operacional, atua na construção de modelos e estratégias que conectam eficiência, qualidade e performance institucional. Sua experiência reúne planejamento estratégico, gestão de indicadores, desenvolvimento de equipes e implantação de projetos voltados à evolução das instituições de ensino. É doutor em Ciências da Educação, com formação também em Administração, Ciências Contábeis e MBA Executivo.

Educadores Autores



Sami Elia

Encontrou na escalada uma forma de viver suas paixões por esportes e pela natureza. Formado em administração, trabalhou como executivo no Citibank em diversas áreas, principalmente com planejamento estratégico. Guiado por sua paixão por iniciativas sociais, foi voluntário em diversos projetos sociais de educação que culminaram em uma transição de carreira para o segmento da educação socioemocional. Sócio Electi Educacional.



Futuros Educadores

Andressa Caroline Wendt da Cruz

Estudante do 7º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Francislene de Araujo Cordeiro Diogo

Estudante do 5º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Naxiane dos Santos da Silva

Estudante do 2º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Paloma Fregonesi Benedet

Estudante do 7º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Educação Especial e Inclusiva:

Um olhar multidisciplinar a partir da pedagogia, do direito, da neurociência e da gestão

Flávia Fernanda Costa

Apresentação

A educação especial e inclusiva é um dos temas que desafia as lideranças no âmbito das instituições de educação básica e de educação superior. Compreendê-la exige, ao mesmo tempo, o olhar pedagógico que precisa saber o que fazer na sala de aula, o olhar do jurista que conhece os direitos e as obrigações de cada ator, o olhar da neurociência que traduz o comportamento com bases, e o olhar do gestor que precisa inserir as demandas próprias do processo de inclusão mediante a cultura institucional.

Foi exatamente essa abordagem multidisciplinar que orientou o Fórum da Educação Especial e Inclusiva do GEduc 2026, presidido por Meire Nocito. Reunindo quatro vozes de campos distintos e complementares, o fórum construiu uma visão integrada sobre o que significa, de fato, incluir: como equilibrar laudos, demandas familiares e possibilidades pedagógicas reais; quais são as obrigações legais da escola e onde começa a responsabilidade da família; como o comportamento de um estudante atípico é, na verdade, uma forma de comunicação que a escola precisa aprender a traduzir; e como uma instituição pode construir, na prática, um modelo sistemático de adaptação acadêmica para alunos neurodiversos.

Para os gestores educacionais, este fórum é estratégico precisamente porque cada uma dessas dimensões, isolada, é insuficiente. A escola que conhece a lei mas não forma seus professores cumpre formalmente e falha humanamente. A que forma seus professores mas não documenta seus processos fica vulnerável juridicamente. A que documenta mas não compreende o comportamento dos estudantes intervém de forma equivocada. E a que faz tudo isso sem construir cultura inclusiva produz ações pontuais que não se sustentam. Nesse sentido, o olhar multidisciplinar não é um capricho acadêmico, é a forma de fazer a inclusão acontecer, efetivamente.

O olhar da pedagogia: entre o laudo, a cultura escolar e a responsabilidade compartilhada

O primeiro painel trouxe a perspectiva pedagógica da inclusão. Bruna Mancini e Júlia Flores, partiram de uma constatação que marca uma transformação importante na educação brasileira: os estudantes com necessidades educacionais especiais estão



avançando na escolarização e chegando ao Ensino Fundamental 2 e ao Ensino Médio em número crescente. Esse avanço, embora seja uma conquista, inaugura novos desafios para as escolas — que precisam estar preparadas para acompanhar esses estudantes em etapas mais complexas do percurso formativo. Os números revelam a dimensão do desafio: segundo o Panorama da Educação Especial 2025, do Instituto Rodrigo Mendes, entre 2015 e 2024 as matrículas da Educação Especial mais que dobraram, passando de 930 mil para mais de 2 milhões de estudantes, com 92,6% deles em classes comuns. Ao mesmo tempo, apenas 6,4% dos professores regentes possuíam, em 2024, formação continuada específica em Educação Especial. A pesquisa TALIS 2018, da OCDE, uma das mais abrangentes pesquisas internacionais sobre ensino e aprendizagem, revelou um dado ainda mais contundente para a realidade brasileira: 60% dos diretores de escolas de anos finais do ensino fundamental apontaram como dificuldade significativa não contar com professores com competência para ensinar alunos com necessidades especiais, percentual muito acima da média global da pesquisa, que foi de 31%. A edição mais recente, TALIS 2024, confirma que o cenário persiste: 48% dos docentes brasileiros relatam alta necessidade de formação continuada justamente nessa área.

Do ponto de vista pedagógico, uma das tensões centrais identificadas pelas palestrantes é o predomínio do modelo médico sobre o modelo pedagógico na lógica da inclusão escolar. Quando o laudo diagnóstico chega, ele frequentemente é tratado como uma prescrição, como se o código CID ou DSM determinasse automaticamente o que o professor deve fazer. Essa lógica, além de equivocada, é paralisante: o saber pedagógico precisa ser empoderado perante o saber médico, e a escola precisa afirmar seu papel de interlocutora qualificada, não de executora de orientações clínicas. É fundamental a delimitação clara das funções e das responsabilidades e isso inclui família, escola e especialistas.

"A educação inclusiva é uma mudança de cultura que traz um horizonte ético e humanizador — e que, ao final, beneficia a todos que fazem parte dela."

As palestrantes propuseram uma visão sistêmica da inclusão, organizada em torno de dois grandes eixos que se fundem: a educação socioemocional com ênfase no pertencimento, na construção de vínculos e no acolhimento, desenvolvendo o letramento socioemocional e a formação integral, que pressupõe que cada estudante



seja visto em sua totalidade como sujeito. Esses dois eixos não são projetos pontuais: são estruturais. Incluir, do ponto de vista pedagógico, exige reorganizar a cultura da escola, não apenas adaptar materiais.

A responsabilidade pela inclusão é compartilhada, mas com papéis bem delimitados. A família não pode negligenciar aquilo que lhe cabe: laudos, terapias e o diálogo constante com a escola. Os especialistas externos precisam manter canal aberto com a instituição, compreender o cotidiano do estudante no ambiente escolar, respeitar os saberes pedagógicos da equipe e se posicionar como parceiros, não como auditores. E a escola precisa se organizar internamente: definir políticas claras, realizar estudos de caso como ferramenta central de planejamento pedagógico, instalar estruturas de Apoio Educacional Especializado (AEE) e garantir que o princípio orientador de toda ação seja o desenvolvimento do protagonismo e da autonomia do estudante. As palestrantes também destacaram a importância de identificar e remover as barreiras que a própria escola pode estar impondo (arquitetônicas, curriculares, atitudinais).

O olhar do direito: obrigações, documentação e gestão segura da inclusão

A perspectiva jurídica da inclusão foi apresentada por Gustavo Peixoto Nunes. Sua contribuição parte de uma premissa clara: inclusão não é uma escolha pedagógica generosa — é uma obrigação legal com amplo respaldo normativo. E compreender esse arcabouço é condição para que a escola atue com segurança e sem se tornar vulnerável a conflitos que poderiam ser evitados.

O palestrante apresentou o que chamou de "quarteto legal da inclusão": o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases (1996, atualizada em 2013), a Lei 12.764/2012 (Lei Berenice Piana, sobre direitos da pessoa com autismo), a Lei Brasileira de Inclusão — Lei 13.146/2015, com seus 127 artigos cobrindo deficiências físicas, intelectuais e sensoriais — e, mais recentemente, o Decreto 12.686 de 2025, que institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva, reafirmando princípios, direitos e o combate ao capacitismo, além de garantir autonomia à escola na implementação do AEE e do PAEE. Além dessas, políticas locais e regionais devem igualmente balizar as decisões de cada instituição.

Três temas que, do ponto de vista jurídico, não deveriam mais ser questionados pelas escolas: cobranças extras por inclusão, descontos vinculados à condição do estudante e recusa de matrícula. Todos são ilegais. Qualquer cláusula contratual que tente limitar o número de alunos atípicos por turma também é inconstitucional — prevista ou não em edital, regimento ou contrato, essa limitação não tem validade jurídica. O princípio do "pacta sunt servanda" não se sobrepõe a direitos fundamentais garantidos pela Constituição.



Do ponto de vista da gestão segura, o palestrante foi preciso: documentação rigorosa e processos bem definidos são a proteção mais eficaz da escola. O PPP precisa contemplar explicitamente a política de inclusão. Os estudos de caso precisam ser registrados. Laudos médicos, protocolos de atendimento e registros de comunicação com famílias precisam compor um dossiê consistente. Inclusão exige empatia — mas também exige registro. Saber ser cobrado e saber cobrar, com documentação e não apenas com boas intenções verbais, é o que mantém a escola segura. A sensibilização de toda a comunidade escolar — professores, funcionários, famílias — e o cuidado com a linguagem e com o posicionamento diante de conflitos completam o quadro de medidas necessárias sob a ótica jurídica.

O olhar da neurociência: comportamento como comunicação e manejo do autismo

A perspectiva neurocientífica foi apresentada por Fernanda King. Sua contribuição parte de uma chave de leitura que reorganiza completamente a forma como adultos e educadores interpretam o comportamento de estudantes atípicos: comportamento é comunicação.

Quando uma criança não consegue dizer o que sente, ela mostra. E quando o adulto não compreende o que está sendo comunicado, interpreta como desafio, birra ou desobediência quando, na realidade, pode ser acúmulo de estresse sensorial, dificuldade de regulação emocional ou sobrecarga cognitiva. A neurociência oferece, nesse contexto, uma ferramenta de tradução dos sinais que o estudante emite e que a escola, muitas vezes, não sabe ler.

"A crise não começa na crise. A explosão é o final de um processo. Antes dela, houve acúmulo de estresse, falhas de previsibilidade, dificuldade de comunicação e cansaço sensorial."

Esse entendimento muda radicalmente a lógica da intervenção. Se a crise é o final de um processo, a resposta correta não é reagir à explosão é identificar e atuar sobre os sinais que a precedem. Do ponto de vista neurocientífico, o cérebro no autismo processa estímulos de forma diferente, pode ter hipersensibilidades, apresenta

variações em atenção e regulação emocional, e responde de forma distinta a mudanças e imprevisibilidade. Na maioria das vezes, o que parece "falta de limite" é uma forma diferente de perceber o mundo. Compreender isso não significa permissividade, manejo não é deixar fazer tudo. Significa ensinar comportamentos adequados respeitando o funcionamento cerebral da criança. O limite continua existindo, mas com estratégia.

Um dos conceitos mais poderosos apresentados foi o do adulto como regulador. Crianças aprendem autorregulação com adultos regulados. Tom de voz, postura, previsibilidade e segurança são os elementos que ensinam à criança como se regular. Se o adulto perde o controle, o cérebro da criança também perde. As estratégias baseadas em evidências apresentadas são acessíveis e de alto impacto: rotinas visuais, antecipação de mudanças, instruções claras e curtas, tempo de processamento adequado, reforço positivo e ensino explícito de habilidades sociais. Pequenas mudanças produzem grandes efeitos. As escolas que prosperam na inclusão, concluiu Fernanda King, são aquelas que formam continuamente, trabalham com evidência, apoiam o professor e constroem cultura de pertencimento.

O olhar da gestão: adaptação acadêmica para alunos neurodiversos — o case Inatel

A quarta perspectiva do fórum foi a da gestão institucional aplicada à inclusão, e chegou sob a forma de um case concreto e replicável. Ludmilla Rocha apresentou o modelo de adaptação acadêmica para alunos neurodiversos desenvolvido pelo Inatel Instituto Nacional de Telecomunicações. O case traduz em processos sistemáticos o que muitas instituições ainda tratam apenas como intenção.

O modelo foi estruturado em quatro etapas articuladas. A primeira é o acolhimento e mapeamento: uma avaliação detalhada para compreender as necessidades específicas de cada aluno. A segunda é o plano de ação individual: um estudo de caso que orienta tanto a dimensão psicopedagógica quanto a psicológica, com frequência de acompanhamento personalizada semanal, quinzenal ou bimestral, conforme a demanda. A terceira etapa é a adaptação de atividades, com implementação de recursos adequados a cada perfil. E a quarta é o acompanhamento recorrente: reuniões obrigatórias ao longo do semestre para alinhamento, gestão do tempo e aplicação de ferramentas didáticas.

As adaptações de recursos apresentadas são exemplares em sua concretude: ambiente controlado com uso de baias para redução dos estímulos sensoriais; suporte sensorial com abafadores de ruídos para hipersensibilidade; tempo extra estratégico, com acréscimo de 10 a 40 minutos conforme o plano individual; acessibilidade textual com adaptação de fonte, espaçamento e uso de gravadores para audição da prova; e monitoria individual em disciplinas específicas. Cada recurso parte de uma avaliação real, não de suposições genéricas sobre o que o aluno "atípico" com determinado diagnóstico precisa.



O modelo de gestão por desempenho acadêmico implantado em 2026 calibra a frequência do suporte psicopedagógico com base no histórico de aproveitamento do aluno no semestre anterior, em quatro níveis: aproveitamento pleno (apoio bimestral), satisfatório (apoio bimestral), crítico (apoio quinzenal) e sem aproveitamento (apoio semanal). A classificação é revisada semestralmente, o que garante que o suporte acompanhe a trajetória real do estudante. A projeção para 2027/2028 aponta para dois eixos: a mediação docente como protagonismo central e o ensino dinâmico, com tecnologias assistivas e ambientes de aprendizagem universal, acessíveis a todos os perfis cognitivos.

Convergências, Assimetrias e Desafios Emergentes na Educação Inclusiva

As quatro perspectivas do fórum — pedagógica, jurídica, neurocientífica e de gestão — convergiram em torno de uma ideia central: a inclusão não se resolve com uma única lente. Cada dimensão é necessária e nenhuma é suficiente sozinha. A escola que atua apenas pela via legal cumpre sem transformar. A que forma pedagogicamente, mas não documenta pode se colocar em uma condição fragilidade legal. A que compreende o comportamento, mas não constrói cultura não sustenta os avanços. Portanto, o olhar multidisciplinar não é uma opção, é a condição para que a inclusão funcione de forma consistente duradoura.

Os dados da pesquisa TALIS e do Instituto Rodrigo Mendes evidenciam uma tensão estrutural que o fórum nomeou com clareza: enquanto as matrículas de estudantes com deficiência mais que dobraram na última década, a formação dos professores para recebê-los avançou de forma irrisória. Essa assimetria é o nó central da inclusão brasileira e sua solução exige investimento sistemático em formação continuada, não ações pontuais e isoladas.

Uma tendência clara que emergiu do fórum é a individualização como princípio inegociável. Cada estudante é único na forma como processa, aprende, se regula e se desenvolve. O case Inatel demonstrou, com processos concretos, que a personalização do suporte revisada sistematicamente com base no desempenho real produz resultados muito diferentes de um modelo estático aplicado a partir de um diagnóstico inicial. O principal alerta, por sua vez, foi sobre o risco da inclusão performática: cumprir formalmente sem transformar culturalmente. A documentação protege juridicamente, mas não produz pertencimento. E pertencimento é o que define se a inclusão aconteceu de verdade.



Movimentos Estratégicos para a Gestão Educacional Inclusiva

Cinco movimentos estratégicos concretos emergem deste fórum para orientar a ação dos gestores.

Primeiro: revisar a política interna de inclusão da instituição sob as quatro dimensões discutidas no fórum: pedagógica, jurídica, neurocientífica e de gestão. O PPP contempla inclusão com profundidade e com processos definidos? Há protocolos claros de estudo de caso? A documentação existe e é real, não cosmética?

Segundo: investir em formação contínua e específica para todos os profissionais que atuam com estudantes em condição de inclusão, visto que a formação deixou de ser um diferencial para se tornar uma urgência institucional. Conhecer os fundamentos da neurociência do comportamento, saber identificar sinais de desregulação antes da crise e dominar estratégias baseadas em evidências são competências que precisam ser desenvolvidas sistematicamente.

Terceiro: estabelecer com clareza os papéis e responsabilidades de cada ator — instituição, família e especialistas — e comunicar isso de forma transparente desde o processo de matrícula. Essa clareza, recomendada tanto pela perspectiva pedagógica quanto pela jurídica, previne conflitos e cria as condições para uma parceria genuína em torno do desenvolvimento do estudante.

Quarto: criar ou fortalecer os espaços de Apoio Educacional Especializado (AEE) como estrutura permanente. O AEE é estratégico, não emergencial. E os profissionais que atuam nesses espaços precisam de formação, tempo de planejamento e articulação constante com os demais docentes.

Quinto: considerar a construção de um modelo institucional de adaptação acadêmica inspirado no case Inatel, com mapeamento individual, plano de ação personalizado, adaptações concretas de recursos e acompanhamento dinâmico calibrado ao desempenho real do estudante. Esse modelo é replicável, em diferentes escalas e etapas de ensino, por qualquer instituição que decida tratar a inclusão como projeto sistemático.

Para finalizar...

O olhar multidisciplinar que este fórum propôs não é uma construção teórica. É uma necessidade prática. Porque o estudante que chega à escola com um laudo, com um comportamento desafiador, com uma forma diferente de perceber e de estar no mundo não é um problema pedagógico, nem um risco jurídico, nem um caso clínico, nem um indicador de gestão. É uma pessoa. E é para essa pessoa, em toda a sua complexidade e singularidade, que todas essas perspectivas precisam convergir.

Pertencimento não se decreta e não se resolve com uma única área do conhecimento. Constrói-se com cultura, com formação, com processos bem desenhados e com pequenas mudanças que têm grandes efeitos, um lugar diferente na sala, uma instrução mais clara, um adulto que não perde o controle quando a criança perde o seu, um plano de adaptação que se revisa a cada semestre. Constrói-se, sobretudo,

com a decisão institucional de encarar a inclusão como projeto integrado, pedagógico, jurídico, neurocientífico e de gestão e não como conjunto de ações isoladas.

"Escolas que prosperam na inclusão
são aquelas que formam
continuamente, trabalham com
evidência, apoiam o professor e
constroem cultura de pertencimento."

A educação especial e inclusiva, vista sob esse olhar multidisciplinar, revela o que sempre foi: não uma demanda a ser gerenciada, mas uma oportunidade de construir escolas melhores para todos. Esse é o horizonte que este fórum propôs. E ele começa, como sempre, com uma decisão de gestão.





Um quarto de século desenhando o futuro da educação.

O GEduc 2026 foi uma edição marcada por dias intensos de troca, reflexão e conexão entre lideranças comprometidas com o futuro da educação. Cada debate, encontro e experiência reafirmou a força de um congresso que acompanha, há mais de duas décadas, as transformações da gestão educacional no Brasil.

Com o encerramento deste ciclo, abrimos caminho para um marco histórico: em 2027, o GEduc completa 25 anos.

Será o Jubileu de Prata do principal congresso de gestão educacional do país, uma edição comemorativa que celebrará a trajetória construída até aqui e apontará para os próximos caminhos da educação.

Estamos preparando uma experiência especial, em que tradição, inovação, liderança e futuro se encontram para marcar a história do GEduc e de todos que fazem parte dela.

Prepare-se para viver uma edição histórica.

Garanta sua participação no GEduc 25 anos com
25% de desconto utilizando o cupom **"EBOOK25"**

[**CLIQUE AQUI E INSCREVA-SE**](#)